

Revisão Histórica sobre Estigma e Doença Mental

Patrícia Perestrelo Passos*, Maria João Amorim*, Filipa Araújo**

*Interna de Formação Específica de Psiquiatria; **Assistente Hospitalar de Psiquiatria

Departamento de Psiquiatria e Saúde Mental da Unidade Local de Saúde do Alto Minho, Viana do Castelo, Portugal

INTRODUÇÃO

O estigma associado à doença mental é um fenómeno tão antigo quanto complexo, cujas definições provêm de diferentes campos do conhecimento, desde a Sociologia, à Psicologia e à Psiquiatria. A história da doença mental tem sido dominada pelo confronto constante entre a perspetiva sobrenatural/moral da doença mental e a perspetiva científica, bem como entre o tratamento humanizado e os «tratamentos» punitivos. O impacto do estigma na vida dos doentes é evidente, representando um importante obstáculo à sua recuperação e reabilitação. Sabe-se que o estigma prejudica a autonomia, a qualidade de vida e a concretização pessoal e compromete o acesso aos cuidados de saúde, não apenas ao tratamento psiquiátrico, mas também aos cuidados médicos gerais, com consequente aumento da morbilidade e mortalidade desta população vulnerável.

OBJETIVOS E MÉTODOS

Breve revisão histórica sobre estigma associado à doença mental, abordando a sua origem, definições, evolução e repercussões.

Pesquisa não sistemática da literatura disponível sobre o tema utilizando a base de dados *PubMed* e as palavras-chave: Estigma, Doença Mental, Goffman, Corrigan, Psiquiatria.

RESULTADOS

O termo estigma tem as suas raízes na Grécia Antiga e deriva do grego *steizen*, que designa a marca gravada no corpo dos escravos e criminosos para assinalar que estes eram membros da sociedade com menor valor. O seu derivativo em latim, *stigma*, traduz o conceito de «marca de infâmia ou ignomínia». Apesar do estigma da doença mental não decorrer da presença de uma marca física, constitui para os doentes uma importante fonte de sofrimento, representando um obstáculo no acesso aos cuidados de saúde e na concretização pessoal, social e profissional.

Hipócrates: concepção médica da doença mental; contrariou as teorias demonológicas vigentes, que defendiam que a doença mental resultava da possessão por espíritos malignos.

Idade Média: concepção moral da doença mental, passando novamente a considerar-se que esta era o resultado de influências demoníacas.

Iluminismo: Pinel introduziu o conceito de «tratamento moral» - defendia que as pessoas com doença mental deveriam ser tratadas de forma humana, sem qualquer recurso à crueldade. No entanto, este modelo não se generalizou, perdurando práticas de enclausuramento, abandono e violência.

Até meados do século XX: Era dos asilos - período histórico em que as pessoas com doenças mentais eram frequentemente internadas em grandes hospitais psiquiátricos ou asilos, sendo tratadas em condições desumanas.

Reforma Psiquiátrica: a partir da segunda metade do século XX, o movimento da Psiquiatria Comunitária veio defender o desmantelamento dos asilos, dando privilégio a tratamentos mais humanizados e promovendo a reabilitação e a reintegração social destes doentes.

Conceptualização contemporânea do estigma na sua obra «Estigma: Notas sobre a Manipulação de uma Identidade Deteriorada» (1963) – define estigma como «...um atributo profundamente oneroso...» cujo portador «...é reduzido, nas nossas mentes, de uma pessoa completa e normal para uma pessoa maculada, diminuída.» **Erving Goffman**

4 componentes do processo de estigmatização:

- **Indícios:** indicadores manifestos que podem assinalar a presença de doença mental;
- **Estereótipos:** «estruturas de conhecimento», generalizadas, relativas a um determinado grupo social;
- **Preconceitos:** respostas cognitivas e afetivas negativas ao estereótipo;
- **Discriminação.**

Conceito de **auto-estigma** – conceito do indivíduo relativamente a si próprio, enquanto doente, resultante da internalização dos estereótipos negativos vigentes, que afeta profundamente a auto-estima e o auto-conceito. **Corrigan**

CONCLUSÃO

O estigma associado à doença mental tem raízes profundas na história da humanidade, persistindo na sociedade até aos dias de hoje, apesar dos avanços no conhecimento e tratamento das doenças psiquiátricas. Os estereótipos e preconceitos relativos à doença mental encontram-se bem documentados na literatura, assim como o impacto negativo dos mesmos na saúde e vida dos doentes e familiares.

O estigma associado à doença mental é pernicioso, gera preconceito e discriminação, que pode ser tão ou mais incapacitante que a própria doença, pelo que o combate ao estigma é primordial para que estes doentes e as suas famílias vivam dignamente, de forma independente e autónoma, plenamente integrados na sociedade em que se inserem.